

RESÍDUOS DA CAVALARIA MEDIEVAL NO MEMORIAL DE MARIA MOURA

Thaís Ferreira Barros (UFC)¹

Elizabeth Dias Martins (UFC)²

RESUMO: O presente artigo tem por objeto de investigação o romance *Memorial de Maria Moura*³ escrito pela cearense Rachel de Queiroz (1910 - 2003). A narrativa conta a história de Maria Moura e seus capangas, que munidos de armas e cavalos andam assaltando e combatendo inimigos pelo interior do sertão. Sob uma perspectiva comparatista, pretendemos identificar e analisar *resíduos* da cavalaria medieval nos personagens do romance. Esses *resíduos*, ao serem inseridos no espaço nordestino por colonizadores Europeus, receberam novos aspectos, mas mantiveram sua essência de origem medieval. Além disso, ressaltamos que os referidos *substratos* se manifestam de diversas formas: físicas, mentais, estéticas, religiosas, entre outras. Como principal fundamentação teórica, utilizaremos os conceitos operacionais denominados *mentalidade*, *imaginário*, *hibridismo cultural*, *endoculturação* e *crystalização*, componentes do quadro referencial da *Teoria da Residualidade Literária e Cultural* sistematizada pelo professor, crítico, poeta e ensaísta Roberto Pontes.

PALAVRAS-CHAVE: Romance; Cavalaria; Medieval; *Resíduo*; *Residualidade*.

ABSTRACT: This article's investigation object is *Memorial de Maria Moura*, a novel written by Rachel de Queiroz from Ceará (1910 - 2003). It narrates the story of Maria Moura and her henchmen, which are armed and ride horses, assault and fight enemies through out inner hinterland. We intend to identify and analyze residues of medieval chivalry in the characters of the novel through comparative perspective. These residues, inserted in the northeastern space by European colonizers, received new aspects, but kept their essence of medieval origin. In addition, we emphasize that these substrates manifest themselves in different ways: physical, mental, aesthetic, religious, among others. As the main theoretical foundation, we will use the operational concepts called mentality, imaginary, cultural hybridism, enculturation and crystallization, components of Theory of Literary and Cultural Residuality, systematized by the teacher, critic, poet and essayist Roberto Pontes.

KEYWORDS: Novel; Cavalary; Medieval; *Residue*; *Residuality*.

INTRODUÇÃO

O presente artigo se debruça sobre o romance *Memorial de Maria Moura* (1992) escrito pela cearense Rachel de Queiroz. Temos, como objetivo, identificar e analisar resíduos da

¹ Estudante de Letras Português/Literatura pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Pesquisadora pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UFC). E-mail: thaisfbarros@alu.ufc.br

² Professora Associada IV do Departamento de Literatura e do Programa de Pós-Graduação em Letras/Literatura Comparada da Universidade Federal do Ceará (UFC). Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio. E-mail: bethdias@ufc.br

³ Essa obra foi adaptada em forma de minissérie exibida pela Rede Globo em 1994.

cavalaria medieval nos personagens dessa obra literária. Maria Moura, personagem principal, juntamente com seus capangas vive ao lado de perigosos cangaceiros provocando assaltos, matando e perseguindo inimigos pelo interior do sertão nordestino. A relação de sobrevivência nesse bando é estabelecida na base da confiança e lealdade, dos homens, a Maria Moura. Diante desse breve resumo, notamos semelhanças entre a vida e modo de organização de Maria Moura e seu bando com a cavalaria medieval, as quais serão aprofundadas nesta investigação.

Para desenvolver a análise, será realizada a seguinte seleção do *corpus* da obra literária: as estratégias de guerra e relação de Maria Moura com seus capangas; a devoção a São Jorge guerreiro; a miscigenação do jagunço Roque; o letramento da protagonista alcançado por meio das histórias de Carlos Magno; a caracterização física dos jagunços subordinados a Maria Moura. Temos, respectivamente, os seguintes aspectos da cavalaria medieval, considerados como *resíduos*: a disposição *mental* das relações, a presença de santos católicos no *imaginário* popular, a formação *híbrida* dos cavaleiros, o processo de *endoculturação* de histórias de grandes guerreiros medievais por intermédio da alfabetização e a caracterização física dos cavaleiros.

Nesta investigação utilizaremos como principal fundamentação teórica a *Teoria da Residualidade Literária e Cultural*. Essa teoria aplica os conceitos operacionais denominados *mentalidade*, *imaginário*, *hibridismo cultural*, *endoculturação*, *crystalização*, e tem por princípio e lei o seguinte axioma: “Na literatura e na cultura nada há de original; tudo é remanescência; logo, tudo é residual.” (PONTES, 2017, p. 14).

Ressaltamos, desde já, que o procedimento comparatista será adotado para realizar a análise entre os *resíduos* medievos e os do referido *corpus* da obra literária. Essa análise seguirá o mecanismo metodológico dos conceitos operacionais expostos anteriormente e possibilitará compreender de que forma os aludidos *resíduos* estão presentes no *Memorial de Maria Moura*.

Como o Nordeste brasileiro, local onde acontecem os episódios da narrativa, não vivenciou o período histórico da Idade Média, esclarecemos que essa investigação também apresentará o percurso sofrido pelos *resíduos* até a chegada em solo brasileiro através dos Europeus colonizadores.

Assim, para concluir estas considerações iniciais, enfatizamos que o presente artigo tem o propósito de adicionar resultados à pesquisa produzida sob o patrocínio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), da Universidade Federal do Ceará (UFC), dentro do Projeto coordenado pela Prof^a. Dr^a. Elizabeth Dias Martins e assessorado pelo sistematizador da Teoria da Residualidade Literária e Cultural, Prof. Dr. Roberto Pontes, cujo título é “*O processo de atualização de resíduos em obras de Literatura Brasileira*.”.

1 TEORIA DA RESIDUALIDADE LITERÁRIA E CULTURAL

Como explanado na seção introdutória precedente, a principal fundamentação teórica utilizada por nós será a da *Teoria da Residualidade Literária e Cultural*. De princípio, devemos compreender a conceituação de *resíduo*, uma vez que essa concepção é a base dos estudos residuais. Assim sendo, recorreremos, inicialmente, ao próprio sistematizador para a compreensão do conceito. Diz ele:

O *resíduo* é pura *remanescência* que jamais se esgota. Tem élan criativo e pode exercer uma qualidade recessiva, isto é, entrar em recesso, mas conserva sempre uma força impulsionadora da cultura e, por decorrência, da literatura e das artes em geral. O *resíduo*, temos repetido por diversas vezes, refere-se a certas *formações mentais* persistentes através de *longas durações*. É dotado de vigor extremo e não se confunde com o arcaico nem com o fossilizado, como bem notamos em unísono com Raymond Williams. É aquilo que *remanesce* de uma época noutra e tem força de criar de novo toda uma cultura ou obra literária; não é material morto; é material que tem vida porque continua a ser valorizado e vai infundir vida numa obra nova. (PONTES, 2020, p. 34).

Levando-se em conta o histórico dos conceitos formadores da teoria, feito por Roberto Pontes no texto “Pródromos conceituais da teoria da Residualidade” (PONTES, 2020), o conceito de resíduo foi por ele empregado desde 1967, antecedendo, pois, o uso feito por Raymond Williams. Portanto, cabe aqui, a título de complemento para a compreensão do conceito de resíduo, trazer a distinção entre residual e arcaico, feita *a posteriori* pelo crítico marxista Williams, de modo a fixar-se melhormente a definição e o emprego do termo:

Por ‘residual’ quero dizer alguma coisa diferente do ‘arcaico’, embora na prática seja difícil, com frequência distingui-los. Qualquer cultura inclui elementos disponíveis do seu passado, mas seu lugar no processo cultural contemporâneo é profundamente variável. Eu chamaria de ‘arcaico’ aquilo que é totalmente reconhecido como um elemento do passado, a ser observado, examinado, ou mesmo ocasionalmente, a ser revivido de maneira consciente, de uma forma deliberadamente especializante. O que entendo pelo ‘residual’ é muito diferente. O residual, por definição, foi efetivamente formado no passado, mas ainda está ativo no processo cultural, não só como um elemento do passado, mas como um elemento efetivo do presente. (WILLIAMS, 1979, p. 125).

Conforme a passagem anterior, entendemos ser residual um elemento cultural formado no passado que permanece vivo durante o decorrer dos séculos, podendo receber uma adaptação

ao ver-se inserido em determinada sociedade. A seguir, compreendemos melhor como funciona esse processo:

Neste ponto, convém explicar que o estudo da residualidade não é um trabalho arqueológico em que a literatura é um grande dinossauro, do qual recuperamos os fragmentos fósseis que o compõem. A residualidade é, antes de tudo, um trabalho com organismos vivos, como é também a literatura. Logo, o resíduo não é algo morto, inaproveitável e que pode ser descartado sem perdas; ao contrário, é aquilo que alimenta o solo fértil da literatura. Assim, da mesma forma que os resíduos de plantas, animais e outros seres vivos enriquecem os solos cultivados, dando origem a novas plantas e dispondo os nutrientes necessários para o crescimento saudável destas, o resíduo cultural e o literário fomentam o desenvolvimento da cultura e da literatura, respectivamente. (SILVA, 2020, p. 145).

Como essa investigação volta-se para *resíduos* de origem medieval, devemos compreender de que forma os referidos *resíduos* chegaram ao solo brasileiro, mais especificamente no Nordeste, primeira região a ser colonizada pelos Europeus:

com os primeiros portugueses aqui chegados com a missão de firmar domínio do império luso nos trópicos americanos, não vieram em seus malotes volumes *d'Os Lusíadas* nem das *Rimas* de Luís de Camões, publicados em edição princeps apenas, respectivamente, em 1572 e 1595. Na bagagem dos nautas, degredados, colonos, soldados, e nobres aportados em nosso litoral, entretanto, se não vieram exemplares impressos de romances populares da Península Ibérica nem os provenientes da Inglaterra, Alemanha e França, pelo menos aqueles homens trouxeram gravados na memória os que divulgavam pela produção oral das narrativas em verso. Assim, desde cedo, e à mingua de uma Idade Média que nos faltou, recebemos um repositório de composições mais do que representativo da Literatura oral de extração geográfica e histórica, cujas raízes estão postas na Europa ibérica do final da Idade Média, justamente quando ganhavam definição as línguas românicas (PONTES, 1999, p. 513).

Diante disso, cabe frisar que o conceito denominado como *mentalidade* é por nós concebido da seguinte forma: “Termo já referido, mentalidade designa, no âmbito da residualidade, as atitudes mentais de uma sociedade. Estas se referem aos comportamentos humanos que refletem as visões de mundo de um povo.” (SILVA, 2020, p. 145). Acrescentamos a essa elucidação, o esclarecimento quanto ao surgimento da “história das mentalidades”:

Essa concepção de história, isto é, a história das mentalidades, surgiu a partir da *École des Annales*, fundada por Marc Bloch e Lucien Febvre, e rompe com a visão positivista que concebia a história como o encadeamento sucessivo de acontecimentos em que se destacam apenas os grandes heróis. (SILVA, 2020, p. 146).

Portanto, consideramos as estratégias para batalhas, e a relação entre Maria Moura e seus capangas baseada no companheirismo, elementos *residuais* da *mentalidade* medieval.

Acrescenta-se, ao panorama residual, o conceito designado *imaginário* que pode ser concebido da seguinte maneira:

O imaginário, ao libertar-se do real que são as imagens primeiras, pode inventar, fingir, improvisar, estabelecer correlações entre os objetos de maneira improvável e sintetizar ou fundir essas imagens. O processo do imaginário constitui-se da relação entre o sujeito figurado em imagens, até a representação possível do real. Esse possível real consiste na potencialidade, no conjunto de todas as condições contidas virtualmente em algo (LAPLANTINE; TRINDADE, 2003, p. 27).

Portanto, com base nessa elucidação investigaremos na obra literária *resíduos* do *imaginário* cristão medieval. São Jorge Guerreiro é uma figura sacra detentora de poderes divinos relacionados à proteção. Investigaremos a relação desse santo com o *imaginário* de Portugal.

É notória a presença de europeus no espaço nordestino por intermédio de senhores brancos donos de escravos e de grandes fazendas canavieiras. Além de europeus, verifica-se também neste mesmo espaço a presença de africanos e de indígenas. A presença dessas três etnias é muito importante para se analisar como *resíduos* de origem medieval juntaram-se às outras etnias, em tempos e espaços distantes, pelo processo de *hibridismo cultural*. A seguir, apresentamos considerações sobre o processo referido:

A força da *hibridação cultural* tanto se acentua nos dias em curso, que fica difícil sabermos o que vem a ser o próprio, digamos, até mesmo na identidade individual e na nacional. Por isso, o conceito de que ora tratamos é de extrema importância, tendo em si a possibilidade de nos guiar no emaranhado de manifestações culturais que vai incessantemente gerando outras. (PONTES, 2017, p. 15).

As histórias de grandes reis, cavaleiros e guerreiros medievais foram assimiladas culturalmente no Nordeste brasileiro ao longo dos séculos, por meio do processo de *endoculturação*. Esse fenômeno acontece quando assimilamos a cultura já existente antes de nós. Roberto Pontes concebe o processo de *endoculturação* da seguinte forma:

Pois bem, quando nascemos não inventamos nada. O mundo não nasce conosco, nós é que nascemos para o mundo. Aprendemos tudo. E o fazemos através do mecanismo da endoculturação, consciente em assimilarmos a cultura havida antes de nós, a fim de que possamos sobreviver e sonhar. A *endoculturação* é, portanto, o processo pelo qual assumimos o que os outros produziram culturalmente, daí não sermos originais na cultura nem na literatura e sermos sempre o que os outros foram. É assim que nos

historicizamos e criamos as supremas obras do artifício humano. (PONTES, 2017, p. 17).

Por fim, tem-se o processo de *cristalização* em que o *resíduo*, formado no passado distante, permanece *cristalizado* ao longo dos séculos, vindo a inserir-se numa sociedade recebendo desta um polimento que lhe dá nova feição. Martins (2015) descreve com mais profundidade esse processo:

A *cristalização* consiste no aproveitamento estético de *resíduos* literários e culturais realizado por artistas, entre os quais, os escritores. É um processo de polimento, de recriação, reaproveitamento do *resíduo*, que por ser matéria viva, eivada de possibilidades, dá à cristalização um caráter de infinitude. Ao modo da fênix mitológica, o *resíduo*, por ser algo que se mantém através da mentalidade e do imaginário dos povos, torna a cristalização um processo plural e também dinâmico tal qual a essência residual. (MARTINS, 2015, p. 35).

2 ESTRATÉGIAS MENTAIS DE GUERRA E O IMAGINÁRIO CATÓLICO-GUERREIRO

Após o falecimento do padrasto de Maria Moura, seus primos tentam apoderar-se de sua casa. Acreditavam ser muito fácil realizar isso, uma vez que não havia a mão de um homem chefiando a casa. No entanto, Maria reagiu com muita perspicácia e sagacidade. Ela reuniu seus capangas e elaborou estratégias de guerra para vencer os primos:

Minha primeira ação tinha que ser a resistência. Eu juntava os meus cabras – os três rapazes, João Rufo (que em tempos antes já tinha dado as suas provas). Os dois velhos podiam servir pra municiar as armas, na hora da precisão. Eu queria assustar o Tonho. Nunca se viu mulher resistindo à força contra soldado. Mulher, pra homem como ele, só serve pra dar faniquito. Pois, comigo eles vão ver. E se eu sinto que perco a parada, vou-me embora com os meus homens, mas me retiro atirando. (QUEIROZ, 2005, p. 45-46).

A seguir, a protagonista revela quais cavaleiros irão lhe prestar serviços militares nessa empreitada e em outras futuras aventuras: “Eu já de véspera tinha tudo planejado na cabeça. Sabia que, na minha situação, era eu a parte fraca. Eles podiam juntar os homens que quisessem; já eu, só dispunha daquele punhado ali: Zé Soldado, Maninho, Alípio. E os dois velhos, Eliseu e Chico Anun.” (QUEIROZ, 2005, p. 64).

A guerreira protagonista deixa patente aos homens que aqueles que desejassem seguir uma vida de aventuras, teriam que se subordinar às suas ordens. Após aquele momento, os “cavaleiros” lhe deviam o compromisso da lealdade:

Zé Soldado voltava. Maninho tinha contado a ele o principal e eu expliquei o resto. E ele também foi firme:

- Eu sempre tive vontade de ganhar o mundo, guerreando. Pra isso sentei praça, mas não deu em nada. Agora ainda é melhor, que não tem cabo e sargento tirando o couro da gente.

Eu levantei a mão, avisando:

- Vou prevenir a vocês: comigo é capaz de ser pior do que com cabo e sargento. Têm que me obedecer de olhos fechados. Têm que se esquecer de que eu sou mulher – pra isso estou usando estas calças de homem.

Bati no peito:

- Aqui não tem mulher nenhuma, tem só o chefe de vocês. Se eu disser que atire, vocês atiram; se eu disser que morra é pra morrer. Quem desobedece paga caro. Tão caro e tão depressa que não vai ter nem tempo de se arrepender. (QUEIROZ, 2005, p. 86).

Diante dessas três passagens, verificamos estratégias de batalhas reveladoras da *mentalidade* de verdadeiros guerreiros medievais quando se preparam para a guerra. Maria Moura relata sua estratégia bélica por meio de palavras-chave como “minha primeira reação”, “resistência”, “na hora da precisão”, “me retiro atirando”. Essas expressões, extraídas de falas da personagem, revelam ligações residuais de genuína vassalagem mediéfica. A seguir, temos uma elucidação trazida por Georges Duby, de como funcionava essa relação *mental* no cenário histórico mediéxico:

O chefe obedecido é aquele que se vê, que se ouve, que se toca, com quem se come e se dorme. A invasão dos pagãos persiste, ameaçadora; o medo que ela inspira sobrevive ao progressivo afastamento do perigo: o chefe obedecido é, portanto, aquele cujo escudo está ali, bem perto, que protege e vela por um refúgio em que o conjunto do povo pode buscar abrigo, encerrar-se ali enquanto dura a tormenta [...]. (DUBY, 1988, p. 5).

A seguir, com o mesmo medievalista, verificamos como funcionava a obediência, por parte dos servos subordinados, ao comando dos senhores:

Em seguida esses cavaleiros juraram, a mão sobre os relicários, servi-lo, ajudá-lo e jamais atentar contra sua vida, contra seu corpo, tornando-se assim seus vassalos (a palavra quer dizer ‘rapazinho’), seus meninos, obrigados a se conduzirem como bons filhos em relação a esse patrão a que chamam o senhor (ou seja, o velho, ancião), que, por sua vez, fica obrigado a alimentá-los, a diverti-los e, se puder, a arranjar-lhes bons casamentos. E, antes de tudo, a muni-los de armas. (DUBY, 1988, p. 6).

Na citação anterior, verificamos as obrigações que eram habitualmente cumpridas pelo senhor no período medieval. Moura é associada a esse paradigma por suas ações, que demonstram evidentes semelhanças com o pacto de suserania. Em passagens do *Memorial*, verificamos que a protagonista fornece armas aos “cabras” com a finalidade de combater os primos que cobiçavam a posse de sua casa. Sem um teto, vivendo como cangaceira, Moura

passa a planejar assaltos com a finalidade de garantir a alimentação de seus jagunços. Dessa forma, deduzimos haver diversas semelhanças entre as obrigações do senhor no período medieval e as práticas de Maria Moura.

No entanto, é importante ressaltar que havia deveres a serem cumpridos por parte dos servos no período medieval. As obrigações a seguir também vigoram no pacto de confiança entre Maria Moura e seus capangas, mas de forma adaptada ao ambiente sertanejo e ao tempo da narrativa:

Detalhando os deveres do cavaleiro arrolados no código, citem-se: (i) defender a “pátria”; (ii) proteger o rei; (iii) enfrentar todos os seres capazes de ameaçar a paz e o bem-estar dos povos; (iv) jamais atacar quem estiver desarmado; (v) zelar pelos interesses da Igreja; (vi) socorrer os indefesos; (vii) aconselhar e ajudar as mulheres; (viii) ser leal para com os companheiros de companhia; (ix) cumprir com todas as promessas feitas; (x) ser hospitaleiro para com os viajantes. (PONTES; TORRES, 2012, p. 244).

No *Memorial* em análise, verificamos também *resíduos* de um *imaginário* cristão de cunho católico. Após realizar um assalto e encher-se de ouro, a personagem principal é comparada a um santo guerreiro:

Quando cheguei em casa, depois de tomar banho e mudar de roupa, me enfeitei toda, o pescoço e os dedos, com os ouros da velha. E até arranjei um jeito de enfiar o pente no cabelo. Vim me mostrar para o pessoal, especialmente para a velha Libânia, que caiu de joelhos, de tão embelezada:
- Sinhazinha até parece uma santa!
E o Roque corrigiu:
- Santa, só de saia e manto. Sinhá Dona parece mesmo é com São Jorge Guerreiro... (QUEIROZ, 2005, p. 179).

A tradição religiosa católica é muito forte no meio rústico nordestino. Foi introduzida nesse espaço pelos Jesuítas, que tinham a missão de conquistar novos fiéis para a Igreja católica. Com base na passagem anterior, constatamos a presença de personagens do *imaginário* católico relacionadas ao caráter bélico. São Jorge guerreiro é um mito presente na história da humanidade mantendo fortes relações com Portugal:

Desta forma o mito devocional católico a São Jorge em Portugal relacionou a religiosidade do povo ao período de riqueza econômica, de poderio bélico, de elevada autoestima, contendo também, simultaneamente, elementos simbólicos de uma farsa, de uma ambiguidade que escondia a mácula da presença identitária e opressora inglesa. O hibridismo cultural entre as duas nações europeias já é presente no seio da formação do imaginário mítico de São Jorge em Portugal. Chegando ao Brasil, o mito, que virá de Portugal através do Romanceiro Tradicional Português entrará em contato com vertentes religiosas africanas, produzindo novas expressões da devoção. (PINHEIRO, 2017, p. 137).

Além de prestar lealdade ao senhor feudal, a cavalaria também votava fidelidade à Igreja Católica por meio de serviços militares. Essa relação aconteceu à medida que a Igreja necessitou desses serviços para a cobrança de taxas, como o dízimo. Constatamos a relação daqueles guerreiros com a Igreja Católica por meio da seguinte passagem:

Existe portanto, realmente, um *ordo militum*, uma ordem de guerreiros. Aos olhos da Igreja, sua importância cresce na proporção que dela necessita. Depois da era carolíngia, estabeleceu-se no Ocidente uma nova sociedade, denominada feudal, caracterizada pelo declínio do poder central, sobretudo na França, e pelo desenvolvimento dos principados, depois das castelhanias (século X-XI). Doravante, a ordem pública está nas mãos dos castelões, assistidos por seus guerreiros. São eles que comandam, julgam e recebem as taxas. Eles que fazem reinar a ordem ou a desordem. (FLORI, 2002, p. 192).

A seguir, finalizamos a presente seção com mais elucidações sobre a simbologia desse mito para as pessoas que prestam devoção a São Jorge:

É possível evidenciar, a partir dos estudos de Johannes Kabatek (2006), que o mito de São Jorge possui uma maneira particular de “falar”, que adquire valor de signo próprio através da presença de significados de força, proteção e socorro, em que o devoto de São Jorge e Ogum entoa para conseguir alcançar uma graça ou se proteger de algum inimigo. A sua repetição se estabelece da relação de união entre atualização e tradição, liberdade e memória. (PINHEIRO, 2017, p. 145).

3 O GUERREIRO HÍBRIDO E A ENDOCULTURAÇÃO PELA VIA LITERÁRIA

Roque é um dos “cabras” submissos às ordens de Maria Moura. Mas, antes de se integrar à cavalaria, esse guerreiro apresenta a sua história:

A história do Roque era simples. Nascido na Fazenda Coqueiros, lá de onde tinham fugido o Amaro, a mulher e os filhos:
- Mas nunca fui cativo. Tenho mais raça de índio do que de preto, sem desfazer de ninguém. Me criei moleque de bagaceira, porque a fazenda não era de gado, era de engenho. Carregava cana no cambito, para a moenda, junto com o Terto, filho deles. Quando me botei a homem, não aguentei mais aquela vida velha. O Sinhô queria tratar nós forros como se a gente fosse tudo negro dele. Um dia o sinhô mandou me meter o relho e eu então ganhei o mundo. (QUEIROZ, 2005, p. 174).

Verificamos, na passagem anterior, a presença de três etnias. A indígena e a africana estão de forma explícita. A etnia europeia, no entanto, não está expressa. Contudo, os fatos históricos indicam que os senhores de escravos eram de origem europeia, pois saíam de Portugal para colonizar as terras americanas em busca de enriquecimento. A presença dessas três etnias,

num mesmo espaço, provocou sucessivas miscigenações. Segundo Burke, existe mais de um tipo de ser *híbrido*: “Não devemos esquecer dos indivíduos híbridos, os que já nasceram nesta situação por suas mães e pais serem originários de culturas diferentes, quer os que se viram nela mais tarde, de bom grado ou não, por terem sido, por exemplo, convertidos ou capturados.” (BURKE, 2006, p. 36).

Ressaltamos que é necessário esclarecer como os *resíduos* de origem mediéfica chegaram ao Nordeste, contribuindo de forma decisiva na formação de um povo nordestino intensamente mestiço. Ressaltamos que essa foi a primeira região do país a ser colonizada por Europeus. A seguinte passagem esclarece esse processo:

Alguns outros traços assemelham a sociedade canaveira nordestina ao contexto medieval europeu: o isolamento da população que cresceu mantendo-se espalhada; a cosmopolita miscigenação racial dos primeiros colonos provenientes do Sul arabizado de Portugal, aos quais se juntaram os elementos ameríndios bem como os africanos de múltiplas origens; a milícia dos latifundiários, equivalente à própria do senhor feudal; o domínio da religião – ainda que de forma muito peculiar. (VASSALO, 1993, p. 60).

A “forma muito peculiar” ressaltada por Vassalo é justamente a *cristalização* ocorrida no *residual* que foi revivido, recriado pelo imaginário hibridizado tanto em termos de tempo quanto de espaço.

Maria Moura relata que sua alfabetização, ocorrida na época da infância, aconteceu por meio da leitura do livro “*Vida do Imperador Carlos Magno e os Doze Pares da França*”:

- Lá em casa não havia nenhum. Mãe tinha um livro de vida de santo, que era muito triste, só sofrimento. Eu detestava. E pai tinha um livro, que ele gostava demais, vivia lendo. Era a *Vida do Imperador Carlos Magno e os Doze Pares da França*. Foi nesse livro que eu aprendi a ler. Pai me ensinava nas letras grandes dos títulos. Lá em casa também não tinha carta de ABC: Pai dizia que num livro a gente encontra todas as letras. Me mostrava uma e me mandava procurar as outras letras iguais pelas páginas. Depois me ensinava a juntar letra com letra, e acabei aprendendo.
- E leu o livro depois?
- Li tudo. Pai obrigava. Todo dia de manhã tinha que dar a lição. Acho que até hoje ainda sei decorado os nomes dos doze pares. (QUEIROZ, 2005, p. 363-364).

Em nossas pesquisas, verificamos que o livro utilizado pelo pai no processo de alfabetização de Maria Moura foi amplamente lido no Nordeste, espaço da narrativa:

A *história do Imperador Carlos Magno e dos doze pares de França*, amplamente lida no Nordeste do Brasil até inícios do século XX, Camilo encontraria uma origem, uma afirmação escrita de uma longa tradição que aproxima a suserania europeia do mandonismo nordestino. ‘O rei manda’

constitui assim noção essencial para a estrutura social representada nas relações entre os personagens, sejam elas entre os pares mesmos ou na vassalagem que os associa ao rei [...]. (ROCHA, 2012, p. 64).

Comprovada a ampla leitura desse livro no espaço da narrativa, devemos compreender de que forma essas produções oriundas da Europa medieval se propagaram no meio popular nordestino:

Estas histórias foram contadas, consumidas, ouvidas, copiadas e repetidas, exaustivamente, até muito mais tarde, deslocando-se para o universo da poesia oral e do livro popular. Textos trazendo andanças de cavaleiros, proezas e encantamentos, entremeados de ensinamentos e preceitos à moda dos livros de moral e doutrina, foram dos mais assíduos tipos de leitura e de escuta, parte efetiva de um repertório popular mais amplo. (FERREIRA, 2012, p. 298).

Aprofundando as nossas investigações, verificamos que a história do livro relata atitudes, ações e um vocabulário bem próximo do estilo de Maria Moura: “Ao centro dessa lealdade que vincula os pares ao rei encontra-se também um liame linguístico, traduzível nos verbos ‘mandar’ e ‘fazer’, que evidenciam os polos do modelo comunicacional da fala-ação.” (ROCHA, 2012, p. 66). Averiguamos, ainda, a presença das relações no espaço da narrativa, o que afirma a assimilação desse estilo de comportamento não só por Maria Moura, mas também pelo restante da população:

Isto é, em certo sentido, o laço mais forte entre os pares e o rei, entre os cangaceiros e o coronel. Se os paladinos não agissem exatamente como o rei lhes havia dito, solapavam a autoridade do rei e, portanto, sua reivindicação quanto ao ser rei, já que lhe escapava o que mais o definia: mandar. (ROCHA, 2012, p. 65).

Concluimos, portanto, que Maria Moura pratica ações, estabelece relações bastante semelhantes com as do Imperador Carlos Magno, o grande conquistador de terras europeias no período medieval. A assimilação dessa cultura aconteceu pelo processo de *endoculturação* no momento da alfabetização da personagem. Naquele processo, sem perceber, a personagem estava recebendo o letramento vocabular por meio da literatura e ainda uma educação para a vida através da assimilação comportamental de uma grande personalidade histórica da Idade Média.

4 CRISTALIZAÇÃO DO CAVALEIRO MEDIEVAL NO JAGUNÇO ROQUE

O período histórico da Idade Média foi bastante marcado pelos cavaleiros, homens munidos de armas e cavalos, obedientes aos senhores feudais e à Igreja Católica. Dessa forma,

consideramos importante evidenciar que as referidas características estão especificamente atreladas ao cavaleiro medieval com nos dá a entender a seguinte passagem:

O equipamento do cavaleiro compõe-se de armas ofensivas, que são a lança e a espada, esta empunhada quando a lança se parte no choque e é preciso combater de perto, no “improvisado”, no corpo a corpo. Da mesma forma que as lanças, as espadas alongam-se e com o tempo tornam-se pesadas, para contrabalançar a evolução das armas defensivas. (FLORI, 2002, p. 188).

Além das armas, os cavaleiros tinham os cavalos também como instrumento importante para a guerra:

Do equipamento do cavaleiro também fazem parte cavalos de combate (*destriers*), treinados para investidas e para o corpo-a-corpo sob gritos e toques de trompas. Pelo menos um escudeiro (*armiger* ou, melhor, *scutifer*) encarrega-se de conservar as armas, cuidar dos cavalos e levá-los ao senhor, se ele for derrubado ou desarmado durante os combates. (FLORI, 2002, p. 188-189).

Da leitura das passagens acima temos, portanto, nítidas semelhanças entre os jagunços de Maria Moura e os cavaleiros medievais. Leiamos a seguinte passagem do romance em análise em que se manifestam as aproximações:

João Rufo, que ouvia, pensativo, o Roque falar, concordou:

- E o pior é que o cavalo também serve de alvo. Baleou o cavalo, caiu o cavaleiro e a montaria cai por cima.

Roque lembrou mais:

- Eu tive um conhecido que, quando atacava um cavaleiro, vinha por trás e cortava, de faca, o rejeito do animal. Cavalo e cavaleiro rolavam no chão. A gente tinha patrão, e ele ficava com pena, porque se perdia o animal. Mas já viu, numa partida como essas da Sinhá Dona, quem vai ficar guardando os cavalos, enquanto se está trabalhando? Ninguém vai chegar perto do inimigo, choutando desabrido – isso é pra soldado de cavalaria... (QUEIROZ, 2005, p. 181-182).

Além das estratégias de batalha por meio da voz, agora, de jagunços, constatamos uma evidente semelhança relativa à caracterização física desses cavaleiros sertanejos com a dos cavaleiros medievais. Vejamos a descrição do modo de trajar e dos acessórios utilizados pelos jagunços de Moura:

Sáímos ainda com escuro, nós cinco. Bem montados, bem armados – eu, João Rufo, Zé Soldado, Maninho, Alípio; e Roque na guia, montado num dos burros dos tropeiros, que aceitava bem a cela. Cada um levava o seu lenço de trapo para encobrir a cara e assustar os ‘padecentes’, como dizia Alípio, o engraçado. (QUEIROZ, 2005, p. 176).

Sobre essa transposição *residual*, o trecho abaixo referente ao romance *O guarani*, se aplica perfeitamente à narrativa que ora analisamos. Leiamos a passagem que nos dá Elizabeth Dias Martins:

Sem dúvida que os cavaleiros sertanejos, portando aqueles trajes e aquelas armas estavam imbuídos de um ideal de luta igualmente em obediência ao juramento de honra ao seu senhor, sendo esta uma revivificação do que captamos e constatamos no espírito dos cavaleiros da tábua mediéfica. (MARTINS, 2015, p. 37).

Ainda sobre os traços residuais de costumes do medievo perceptíveis nas relações travadas entre os jagunços e Maria Moura, ressalte-se o tratamento de “Dona” a ela dispensado, bem ao modo do usado por quem serve como vassalo a seu senhor. No caso de Moura, o serviço prestado à senhora de todos os “cabras”. A ela deviam obrigações e lealdade. Sobre o servilismo havido no título, escreveu Terezinha F. Almeida:

Visto que o sistema medieval é marcado pela servidão hereditária, tanto para quem serve como para quem é servido, o respeito que os jagunços tinham por ela se devia ao fato de seus pais terem servido aos pais da Moura e os mesmos serem também participantes deste ciclo, como podemos constatar também na citação acima o título de “Dona” atribuído à Maria Moura. (ALMEIDA, 2010, p. 5)

O zelo com as armas e as vestimentas também nos permite uma aproximação residual entre as duas épocas no que tange ao imaginário do cavaleiro. Faz parte dos ofícios do cavaleiro, segundo Ramon Llull: “Ter reluzente seu arnês e bem cuidado seu cavalo.” (2000, p. 47). Portanto, para o “arnês”, “as calças de ferro”, o “escudo” e as armas do cavaleiro do medievo temos, de modo cristalizado nos jagunços do Nordeste medieval queiroziano, a “garrucha” azeitada, limpa, e o “gibão de couro, bem pespontado”, como lemos na seguinte passagem do romance:

E, se preparava os homens, também cuidei de mim; separei minha garrucha, mandei João Rufo azeitar, limpar qualquer pontinho de ferrugem, preparar a munição. Até da roupa cuidei: uma muda só. Rede, nem eu nem ninguém ia levar. Em viagem de campanha se anda leve e a pé. Mandei engraxar umas botas velhas, folgadas, pro meu conforto. E ia inaugurar o meu gibão de couro, bem pespontado; muita vez, dizia Roque, serve pra desviar chumbo que venha de raspão ou enviesado. (QUEIROZ, 2005, p. 486).

Ao identificar elementos físicos e comportamentais da cavalaria medieval nesses jagunços, deduzimos, portanto, que os referidos *resíduos* foram *cristalizados* ao longo dos séculos e, ao serem inseridos no espaço da narrativa de Raquel de Queiroz, receberam

polimentos que resultaram na figuração de uma espécie *sui generis* de cavaleiro sertanejo. Esse processo, portanto, indica uma atualização dos *resíduos* apresentados ao longo desta análise.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, identificamos e analisamos algumas formas de manifestações *residuais* da cavalaria medieval nos personagens do romance *Memorial de Maria Moura*.

Com relação à *mentalidade*, constatamos haver nessa narrativa, *resíduos* oriundos da Idade Média que explicam o comportamento, as ações e as relações de Maria Moura com seus jagunços. A disposição hierárquica de sua presença, sempre à frente dos comandados, a imposição de sua autoridade, a lealdade por ela requerida dos homens sob suas ordens, e as estratégias de guerra por ela postas em prática, indicam a administração logística de uma verdadeira cavalaria bélica.

No *imaginário*, verificamos a relação da Igreja católica com a cavalaria medieval por meio de santos. São Jorge guerreiro é um santo protetor com indícios de aparecimento em Portugal. Portanto, concluímos que a existência da cavalaria e da Igreja católica, de forma simultânea, na história medieval do povo português corrobora o entendimento de que esse elemento sacro existente na narrativa em pauta é *resíduo* da devoção cristã-católica oriunda da Idade Média.

Verificamos que Roque é um guerreiro de origem *híbrida* quando refere à presença das etnias indígenas e africanas na sua formação. Além disso, o personagem também relata, em diálogo, a presença do “índio”, do “cativo” e do “sinhô”, respectivamente. A partir disso, concluímos que associada às etnias indígena e africana, se apresenta a figura do “sinhô”, simbolizando *residualmente* a presença Europeia medieval.

Constatamos, também, uma das formas de endoculturação através do letramento de Maria Moura, cuja alfabetização foi realizada pela família, mais precisamente seu pai, por meio do livro “*Vida do Imperador Carlos Magno e os Doze Pares da França*”. As histórias das conquistas territoriais e dos grandes feitos do imperador e de seus cavaleiros, na Europa no período medieval, fazem parte do espírito guerreiro da protagonista assimilado pela via literária.

A partir dos levantamentos e análises comparativas, finalizamos, portanto, com a verificação da semelhança física e comportamental de Roque com um cavaleiro medieval, asseveração extensiva aos demais jagunços. As armas, os cavalos, o vocabulário, e as estratégias de guerra, encerram o panorama *residual* que, ao longo dos séculos, foram

cristalizados e inseridos no espaço do Nordeste brasileiro, além de terem sido atualizados para o surgimento de uma espécie híbrida de cavaleiros sertanejos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Terezinha F. de. "Memorial de Maria Moura": A resistência feminina em terra de coronéis. In: STIELER, Carlos. E. (Org.) **IV Fórum de Educação e Diversidade: Diferentes, (des)iguais e desconectados**. Livro digital. UNEMAT. 2010. p. 5. Disponível em: http://need.unemat.br/4_forum/artigos/terezinha.pdf

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2006. 116p.

DUBY, Georges. *aA Europa na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1988. xii, 170p.

FERREIRA, Jerusa Pires. A cavalaria no Sertão. In: MONGELLI. (Org.). **De cavaleiros e cavalarias. Por terras de Europa e Américas**. São Paulo: Humanitas, 2012. p. 297-304.

FLORI, Jean. "Cavalaria". In: GOFF, Jacques Le; SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário temático do ocidente medieval**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

LA PLATINE, François; TRINDADE, Liana Sálvia. **O que é imaginário?** São Paulo: Brasiliense, 2003.

LLULL, Ramon. **O livro da ordem de cavalaria**. (edição bilíngue). Trad. Ricardo Costa. São Paulo: Ediyora Giordano, 2000.

MARTINS, Elizabeth Dias. "A cristalização da Idade Média na literatura brasileira". In: **Revista Graphos**, Paraíba, v. 17, n. 2, p. 34-39, 2015.

PINHEIRO, Roncalli Dantas. São Jorge: imaginário e movências de um mito entre Portugal e Brasil. **Revista Sociopoética**, Campina Grande-PB, v. 1, n. 19, p. 132-134, jul./dez. 2017.

PONTES, Roberto. Residualidade e mentalidade trovadoresca no Romance Clara Menina. In: TAVARES, Maria do Amparo (org.) **Atas III Encontro Internacional de Estudos Medievais**. Rio de Janeiro: Editora Ágora da Ilha, 1999. p. 513-516.

PONTES, Roberto; TORRES, José William Craveiro. Resíduos clássicos no rito iniciático do cavaleiro medieval. In: MONGELLI. (Org.). **De cavaleiros e cavalarias. Por terras de Europa e Américas**. São Paulo: Humanitas, 2012. p. 233-246.

PONTES, Roberto. A propósito dos conceitos fundamentais da Teoria da Residualidade. In: PONTES; MARTINS; CERQUEIRA; NASCIMENTO. (Orgs.). **Residualidade e Intertemporalidade**. Curitiba: CRV, 2017. p. 13-18.

PONTES, Roberto. "Pródromos Conceituais da Teoria da Residualidade". In: LIMA; PEREIRA; NASCIMENTO; SILVA; COSTA. (Orgs.). **Matizes de sempre-viva: residualidade, literatura e cultura**. Amapá: UNIFAP, 2020. p. 13-44.

QUEIROZ, Rachel de. **Memorial de Maria Moura**. 17. Ed. Rio de Janeiro, RJ: José de Olympio, 2005.

ROCHA, Fernando de Sousa. "Um imperador no sertão: Angústia e legado de Carlos Magno". In: **Revista Itinerários**, Araraquara, v. 1, n. 35, p. 61-76, jul./dez. 2012.

SILVA, Francisca Yorranna da.; MARTINS, Elizabeth Dias. "Residualidade: uma leitura a partir de Lavoura Arcaica". **Decifrar**, Amazonas, v. 7, n. 14, p. 140-159, 2020. Disponível em: <<http://periodicos.ufam.edu.br/Decifrar/index>>. Acesso em: 10 nov. 2020.

VASSALLO, Lígia. **O sertão medieval: origens europeias do teatro de Ariano Suassuna**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1993.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1979

Recebido em: 05/05/2021

Aprovado em: 19/06/2021

Publicado em: 12/08/2021